

**Programa de Pós-Graduação em Memória e Acervos (PPGMA) da
Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB)**

SELEÇÃO DE MESTRADO

2019/ Turma 2020

**A HISTÓRIA DA FUNDAÇÃO E FORMAÇÃO DE NOVA FRIBURGO NO
IMAGINÁRIO POPULAR**

Pesquisa em História Oral sobre a Formação da Sociedade Friburguense.

**Linha de pesquisa 2 - Práticas Críticas em Acervos: Difusão, Acesso, Uso e
Apropriação do Patrimônio Documental Material e Imaterial.**

SUMÁRIO:

Tema e Problema	02
Objetivos	03
Justificativa	03
Fundamentação Teórica	05
Análise das Fontes / Metodologia	07
Cronograma de Execução	09
Referências	09

TEMA E PROBLEMA:

No discurso oficial da história da cidade prevalece o mito da origem e marco fundador a vinda dos imigrantes suíços e posteriormente alemães com alguma contribuição mais tardia de italianos, portugueses e sírios. Nessa perspectiva da ocupação territorial acaba se passando a ideia que ali se encontrava um imenso “vazio demográfico”. Nota-se que as apreciações focaram sua atenção exclusivamente no período que tange a colonização oficial da região, a partir de 1818. Nessa perspectiva os imigrantes Suíços e Alemães são reconhecidos como os “pioneiros” da ocupação regional, omitindo a presença maciça de negros escravizados. Porém, um estudo breve já é capaz de mostrar que essa história já havia começado bem antes da escolha da região por Dom João VI para fundar o novo núcleo com os imigrantes europeus.

Caberá ao trabalho concentrar seus esforços em identificar ao longo dos séculos XIX e início do XX a participação de outros personagens que estiveram presentes ativamente na história e no cotidiano da sociedade friburguense. Neste sentido, torna-se relevante discutir a presença dos negros que formam uma “zona de sombra” na memória da ocupação regional. O interesse de investigação dessa pesquisa, portanto, se concentrará entre 1818 - data tida como fundação oficial de Nova Friburgo- e 1918 comemoração do primeiro centenário. Nesse recorte de cem anos, há a possibilidade e necessidade de superarmos a máxima de que “sem documento não há história” através do reconhecimento da história oral como campo real de produção de conhecimento sobre a população negra em Nova Friburgo (FENELON, 1996, p.

26).

OBJETIVOS:

O objetivo desse trabalho surge em consonância com os recentes debates acerca da história local de Nova Friburgo, que vem de forma contundente questionando a história tida até então como oficial. Além de questionar o Mito da Suíça brasileira, procura-se resgatar fatos importantes da sociedade friburguense, seu cotidiano, suas formas de sociabilidade e personagens renegados. A partir do objetivo geral de analisar a composição dos grupos étnicos que formaram Nova Friburgo e o grau de participação dos negros nesse processo, foram também traçados os seguintes objetivos específicos:

1. Avaliar e analisar como a história local é produzida e circula no discurso da população e em seu imaginário refletindo se há uma perspectiva de diversidade étnica.
2. Compreender os mecanismos de individuação de sujeitos em seus processos de identificação, tomando como núcleo de interesse o espaço, a memória e o acontecimento.
3. Realizar e estudar entrevistas na perspectiva da Análise de Discurso sobre a história do negro em Nova Friburgo a fim de identificar novas narrativas que ampliem o discurso sobre a história de formação da cidade.

JUSTIFICATIVA:

Até o início dos anos 2000 a história de formação e fundação de Nova Friburgo era apresentada como um espaço europeu, colonizado majoritariamente por trabalhadores livres; ideologia construída entre os anos de 1910 e 1960 por diferentes grupos da elite local. Recentemente, pesquisadores como João Raimundo de Araújo, Maria Janaína Botelho Corrêa e Rodrigo Marins Marretto resgatam uma linha de análise e investigação realizada anteriormente de forma isolada em 1991 por Gioconda Lozada em seu livro *Presença Negra, uma nova abordagem da história de Nova Friburgo*. O trabalho de Lozada questiona o Mito da Suíça brasileira e insere um novo personagem na história local, o negro.

Lozada e seus contemporâneos apresentam tal região de forma mais complexa, como um conjunto de grandes latifúndios com mão de obra escrava e com atividades agrícolas que se direcionaram e concentraram no decorrer do século XIX na produção cafeeira, visão bem diferente daquela que descreve a região apenas como um pequeno núcleo de imigrantes europeus.

A própria vinda de imigrantes europeus para a formação da Vila de Nova Friburgo a partir 1820 foi resultado e uma forma de resolver os problemas de escassez e diminuição da mão de obra escrava advinda com as políticas que pressionavam pelo o fim do tráfico negreiro e trabalho escravo e a preocupação com o desequilíbrio racial - em 1818 a população branca constituía apenas 1/3 dos habitantes (Cardoso, 1982).

Documentos e estudos mostram que a vinda de imigrantes europeus não atendeu como esperado o objetivo de sua introdução como mão de obra nas lavouras em substituição ao trabalho escravo. Muitos imigrantes possuíam qualificação profissional o que os possibilitou estabelecerem-se e desenvolverem seus ofícios na recém-criada Vila e assim não precisaram ir trabalhar nas fazendas. Outros se dedicaram à agricultura nas glebas doadas por Dom João VI, porém no cultivo de bens de consumo como o milho, batata e arroz, culturas que tiveram sua produção reduzida nas grandes fazendas com o crescimento e necessidade de novas áreas para o plantio do café. Alguns desses imigrantes chegaram até a adquirir escravos para trabalharem em suas lavouras. Como podemos ver a chegada dos europeus não dispensou e diminuiu a dependência da mão de obra escrava negra na região. A região onde foi fundada a Vila de Nova Friburgo era cercada por fazendas com uma tradição de trabalho escravo de quase três séculos.

Apesar dos grandes avanços em estudos sobre escravidão e do papel do negro na sociedade brasileira e nesse caso em Nova Friburgo, ainda temos um campo vasto a desbravar. Todos os trabalhos produzidos até o momento se valeram da pesquisa em arquivos com documentação escrita, fossem elas documentos paroquiais, cartoriais ou judiciais. Dessa forma podemos dizer que há a uma lacuna correspondente a necessidade de saber como essa história vem sendo discutida, apresentada, circula e se reproduz no imaginário e no discurso da população. Deste modo, a Análise de Discurso e a pesquisa em história oral podem ser ricas formas de revelar fatos e colocar novos personagens além do negro, questões novas e totalmente diversas daqueles advindas da materialidade.

Os negros apesar de já serem reconhecidos nas novas produções historiográficas ainda são descritos e estudados a partir da perspectiva da documentação produzida pelos órgãos oficiais e da elite. Além disso, há informações da vida diária e cultura material e imaterial que não possuem referências específicas em fontes escritas, e que somente fontes orais serão capazes de nos fornecer as informações desses povos iletrados ou grupos sociais cuja história escrita é falha, distorcida ou inexistente.

Por fim, a história oral revela fatos novos ou diferentes dos já conhecidos, não apenas por esses não estarem registrados e documentados em papel, mas por conta do exercício que quem relata tem que fazer em buscar sentido no passado e dar forma à sua vida, e assim colocar a narração em seu contexto histórico. A história oral utiliza como fonte a memória para a compreensão de uma sociedade, a qual dá à história um campo de pesquisa considerável.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O que conhecemos como tradição oral é uma prática muito antiga, ligada aos contos populares, ao universo da comunicação humana. A História surgiu contada, até constituir-se na escrita do depoimento realizado, das impressões registradas, da legislação disciplinada em sólidas escritas que a legitimam. Tudo isso numa nítida vontade de perpetuar nosso passado (MATOS, 2011).

A história, segundo Philippe Joutard, a partir do século XVII constituiu-se cientificamente, em oposição a essa tradição oral. Esse paradigma histórico tradicional foi reforçado ainda mais pelo cientificismo do século XIX quando historiadores como Ranke acreditavam na possibilidade de reviver o passado narrando os grandes feitos, fatos políticos e trajetórias heroicas, tal qual aconteceu, de forma objetiva e sem a necessidade de uma interdisciplinaridade (RIBEIRO, 2011).

As críticas a tal concepção de história estavam situadas no ataque geral às bases epistemológicas em que ela estava assentada. Os responsáveis pela crítica ao paradigma histórico tradicional foram os membros da primeira geração dos Annales, Marc Bloch e Lucien Febvre, ao proporem uma nova maneira de pensar a história. A essa postura crítica ao tradicionalismo somavam-se também o repúdio as noções de verdade absoluta e objetividade. Essa ruptura possibilitou o desenvolvimento de temas diferentes e inovadores surgindo uma nova historiografia que se preocupava com tudo, com os mais variados temas, onde não havia paradigmas, e a história seria subjetiva, ao contrário da história tradicional.

A reintrodução e o advento da história oral aconteceram nesse contexto, no decorrer do século XX, mais especificamente nos Estados Unidos. A primeira experiência da História Oral como uma atividade organizada é de Allan Nevins da Universidade de Columbia de Nova York, que em 1948, fundou o *Oral History Program*, um núcleo que reunia arquivos de fontes orais e elaborava projetos pioneiros na área - inclusive Nevins foi quem cunhou o termo História Oral (RIBEIRO, 2011). A partir de Nevins, outros historiadores passaram a constituir suas próprias

instituições, lançaram revistas e realizaram vários seminários no campo da oralidade, reintroduzindo assim os agentes minoritários nos grandes processos históricos, com novos instrumentos analíticos e fontes, alterando a perspectiva historiográfica, deixando dessa forma em segundo plano o quantitativo.

A história oral foi motivada também pelo advento das tecnologias de comunicação pós II Guerra, como o gravador e outras formas de registros audiovisuais.

Na Itália, já em fins dos anos 60, os antropólogos De Martino, Bosio e o sociólogo Ferrauti, com o objetivo de reconstruir a cultura popular, foram precursores da segunda geração de historiadores orais. Mais ambiciosos, não tomavam a fonte oral como um complemento ou ferramenta de pesquisa, mas sim como “outra história”. Essa nova forma de pensar surgiu em meio às novas bandeiras e movimentos surgidos com os conflitos de 1968, como por exemplo, o feminismo e sindicalismo. Pregava-se uma história alternativa em relação a todas as construções historiográficas a partir do escrito. (MATOS, 2011).

Dois encontros importantes marcaram o início da terceira geração, um em 1975, em São Francisco, e o outro em 1976, em Bolonha. Joutard destacou, na França, dois grandes projetos coletivos, realizados também no ano de 1975: o primeiro, centrado no debate sobre os arquivos orais da Previdência Social, e o segundo, voltado para uma pesquisa sobre os etno-textos, reunindo historiadores, etnólogos e linguistas (MATOS, 2011).

No caso brasileiro destaca-se como uma das primeiras experiências com História Oral o projeto do Museu da Imagem e do Som - MIS/SP (1971), que objetivava a preservação da memória cultural brasileira. Outras experiências ocorreram no Museu do Arquivo Histórico da Universidade Estadual de Londrina, Paraná (1972) e na Universidade Federal de Santa Catarina, onde foi implantado um laboratório de História Oral em 1975. Porém, a experiência mais significativa foi e talvez seja a do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil – CPDOC, ligado à Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, que dispõe de um setor de História Oral desde a sua fundação, em 1975 (FREITAS, 2006).

Após essa terceira geração, houve uma consolidação nesse campo de estudo a partir da criação de verdadeiros grupos de historiadores orais. (MATOS, 2011).

Também podemos mencionar a proliferação de programas de História Oral em outras

Os anos de 1980 foram propícios à história oral, quando se difundiram reuniões internacionais, criando uma verdadeira associação de Historiadores Oraís. Na mesma direção, a década de 1990 marcou a quarta geração. Em decorrência de fatos conjunturais, que deram

margem para sua expansão, tais como a queda do muro de Berlim, os acontecimentos no Leste Europeu, os estudos stalinistas, as fontes orais foram mais amplamente exploradas.

Muitos historiadores passaram a compreender a importância da história do tempo presente, para a qual as fontes orais são essenciais (MATOS, 2011).

No campo da historiografia do negro no Brasil, sobretudo em relação as trajetórias, memórias e práticas culturais dos descendentes dos escravizados na região da antiga província do Rio de Janeiro, destaca-se o trabalho do Laboratório de História Oral e Imagem da Universidade Federal Fluminense (LABHOI/UFF), sob a direção geral das historiadoras Hebe Mattos e Martha Abreu. A coletânea de quatro filmes, intitulados Memórias do cativo: família, trabalho e cidadania no pós-Abolição (2005), Jongos, calangos e folias: música negra, memória e poesia (2007), Versos e cacetes: o jogo do pau na cultura afro-fluminense (2009) e Passados e Passados presentes: memória negra no sul fluminense (2011), constituem estudos de referência sobre a cultura popular e a tradição oral das populações afrodescendentes e um aparato teórico-metodológico importantíssimo na tentativa de desenvolver formas de narrativa historiográfica a partir de uma escrita audiovisual

ANÁLISE DAS FONTES / METODOLOGIA

A metodologia do presente estudo tem como ponto de partida uma pesquisa em bibliografia específica, arquivos, bibliotecas, além da análise de fontes primárias sobre o tema *A Formação da Sociedade Friburguense*. Recorrer a documentações secundárias e fontes primárias imprime conhecer melhor o tema, produzindo uma base consistente ao recorte, possibilitando ao entrevistador e pesquisador se sentir mais seguro na realização de uma entrevista e na escolha dos depoentes. Além disso, antes mesmo de se pensar em história oral, é preciso haver questões, perguntas, que justifiquem o desenvolvimento de uma investigação.

Algumas fontes a serem consultadas e estudadas são os documentos históricos que estão disponíveis no Centro de Documentação D. João VI, instituição recém-organizada que trata da guarda e preservação da documentação referente à história de Nova Friburgo. Outras fontes que merecem ser analisadas e que podem dar grande contribuição no estudo são documentos resgatados recentemente e disponibilizados para consulta e pesquisa pela Paróquia Sant'Ana de Japuiba, distrito de Cachoeiras de Macacu (município vizinho a Nova Friburgo), que falam sobre os escravizados da região e vizinhanças – certidões de batismo, cartas de alforria entre outros documentos que datam do século XVIII e XIX.

Outra contribuição é o livro de Gioconda Lozada (1991), *Presença Negra, uma nova abordagem da história de Nova Friburgo*, que constituiu um grande referencial para os pesquisadores do tema, fornecendo uma rica indicação de documentação a ser reestudada e relida. Pretendo uma releitura do trabalho de Lozada, considerando que desde sua publicação, 1991, já tivemos avanços e mudanças significativas nesse campo de estudo, permitindo uma leitura mais problematizada e com novas abordagens e discussões.

As fontes mencionadas anteriormente que serão estudadas tratam de documentação escrita, produzida por uma elite letrada, sendo assim um discurso seletivo e que retrata a visão de apenas uma parcela da população, daquela que sabia ler e escrever. Logo, proponho realizar entrevistas com moradores e famílias friburguenses, não predominantemente orientadas por critérios quantitativos, e sim a partir da posição do entrevistado no grupo, do significado de sua experiência de vida. Por se tratar de um recorte histórico – século XIX e início do XX - em que não encontraremos pessoas que participaram, viveram e presenciaram, convém selecionar os entrevistados entre aqueles que se inteiraram de ocorrências ou situações ligadas ao tema com seus ancestrais, pais e avós, por exemplo, e que possam fornecer depoimentos significativos.

O processo de seleção de entrevistados em uma pesquisa de história oral se aproxima, assim, da escolha de "informantes" em antropologia, tomados não como unidades estatísticas, e sim como unidades qualitativas- em função de sua relação com o tema estudado-, seu papel estratégico, sua posição no grupo etc. Partindo desse pressuposto e dos conhecimentos advindos da pesquisa e estudos em outros trabalhos e fontes, pretendo escolher primeiramente moradores considerados “chaves”, de acordo com o critério de antiguidade na comunidade e origem social - descendentes de ex-escravizados e imigrantes europeus -, com conhecimento amplo e detalhamento das circunstâncias que tenham envolvido o foco em análise, disponibilidade e capacidade para expressar o essencial sobre o assunto tratado (TRIVIÑOS, 1987).

Será usada a técnica conhecida como “bola de neve”, onde cada entrevistado indica outra pessoa a ser entrevistada, o qual julga ser referência para o estudo (VEIGA; GODIM, 2001). Esta técnica é relevante nesse tipo de trabalho por ser factível o surgimento, no decorrer da pesquisa, de nomes antes não considerados. Durante a realização de uma entrevista, por exemplo, pode acontecer de determinado entrevistado chamar a atenção para a atuação de um terceiro, antes desconhecido, cujo depoimento passe a ser fundamental para a pesquisa. Novos atores e/ou testemunhas podem também surgir a partir do estudo mais detalhado da documentação sobre o assunto, que pode trazer informações sobre o envolvimento de outras pessoas no tema.

Para produção desse material proponho entrevistas não estruturadas e semiestruturadas. As entrevistas não estruturadas, nas quais é permitido ao entrevistado decidir pela forma de construir a resposta, a entrevista flui de forma mais aberta possível, resultando numa aproximação maior entre o informante e o pesquisador (LAVILLE; DIONNE, 1999). O entrevistado pode relatar livremente suas experiências, seu modo de vida e a forma com que se relaciona com o tema em questão.

Por fim, o uso de entrevistas semiestruturadas consistirá na técnica de coleta de dados para obter informações verbais de uma parcela representativa de uma população por meio de um pequeno número de perguntas abertas (GIL, 1991). Essas entrevistas são caracterizadas por indagações simples, apoiadas em teorias e hipóteses que se relacionam ao tema central do estudo. Os questionamentos dão origem a novas hipóteses surgidas a partir das respostas dos informantes (TRIVIÑOS, 1987)

CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO

Atividades	JAN	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	
1. Modificações no projeto para atender a críticas	█																							
2. Análise de documentações secundárias e fontes primárias		█	█	█	█	█	█																	
3. Estruturação das entrevistas – pesquisa e escolha dos possíveis depoentes							█	█																
4. Realização das entrevistas									█	█	█	█	█	█										
5. Análise e processamento															█	█	█	█						
6. Redação																			█	█	█	█		
7. Correções do texto e datilografia																								█

REFERÊNCIAS:

ARAÚJO, João Raimundo de. *Nova Friburgo: a construção do mito da suíça brasileira (1910-1960)*. Tese (Doutorado em História) Universidade Federal Fluminense, 2003.

_____ & MAYER, Jorge Miguel. *Teia Serrana: Formação histórica de Nova Friburgo*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 2003.

CORRÊA, Maria Janaína Botelho. *O Cotidiano de Nova Friburgo no Final do Século XIX: práticas e representações sociais*. Rio de Janeiro: EDUCAM, 2008.

FENELON, Déa Ribeiro. O papel da história oral na historiografia moderna. In: MEIHY, José Carlos Sebe Bom (Org.). (Re) Introduzindo História Oral no Brasil. São Paulo: Xamã/USP, 1996.

FREITAS, Sônia Maria de. *História Oral: procedimentos e possibilidades*. 2 ed. – São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

LOZADA, Gioconda. *Presença Negra. Uma nova abordagem da história de Nova Friburgo*. Niterói: EDUFF, 1991.

MARRETO, Rodrigo M.. *A Escravidão Velada: a formação de Nova Friburgo na primeira metade do século XIX*. Dissertação (mestrado em história social). Universidade Federal fluminense, 2014.

MATOS, Júlia Silveira & SENNA, Adriana Kivanski. *História Oral como Fonte: problemas e métodos*. Historiæ, Rio Grande, 2011.

MATTOS, Hebe Maria. *Das cores do silêncio: os significados da liberdade no sudeste escravista – Brasil século XIX*. Rio de Janeiro. Arquivo Nacional, 1995

RIBEIRO, Antonio Marcos de Almeida. *História Oral Brasileira: Trajetória e Perspectivas*. Revista de Teoria da História Ano 3, Número 6, Universidade Federal de Goiás; dez/2011.

RIOS, Ana Maria Lugão; CASTRO, Hebe Maria Mattos de. *Memórias do cativo: família, trabalho e cidadania no pós-abolição*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005

SANGLARD, Gisele. *De Nova Friburgo a Fribourg através das letras: a colonização suíça vista pelos próprios imigrantes*. Rio de Janeiro, Manguinhos: História, Ciências, Saúde, vol. 10(1):173-202, jan-abr. 2003.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil-1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

TRIVIÑOS, A. N. S. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Ed. Atlas. 1987. 176p.